

JOVENS E MERCADO DE TRABALHO

NO ATUAL CENÁRIO ECONÔMICO, A ABUNDANTE OFERTA DE EMPREGOS NO BRASIL NÃO DIMINUI A ANGÚSTIA DOS JOVENS QUE INGRESSAM NO MERCADO DE TRABALHO. OS NOVOS TRABALHADORES TÊM DIFICULDADE DE ASSIMILAR QUE O HERÓI MUDIÁTICO NÃO É FACILMENTE ATINGIDO, E QUE É NECESSÁRIO APRENDER A ACEITAR SUAS PRÓPRIAS IMPERFEIÇÕES

 TIAGO CORBISIER MATHEUS, professor da FGV-EAESP, tiago.matheus@fgv.br

As recentes mudanças no cenário socioeconômico do país, com perspectiva de maiores oportunidades de trabalho, não tornaram mais suave este momento da vida para tantos jovens que buscam inserção profissional. Chegamos ao final da primeira década do século XXI em condições distintas das do final do século XX. Na década de 1990, o aumento significativo da população jovem – a chamada “onda jovem” – tornou-se um fenômeno socialmente problemático, pois acompanhou uma economia em retração desde 1980, o que resultava em uma significativa diminuição das oportunidades de trabalho. Naquele contexto, as incertezas que acompanham tantos percursos

juvenis encontravam-se justificadas, em grande medida, pela realidade social e econômica do país.

Contrastando com aquela realidade, nos anos recentes começou a verificar-se um aumento das oportunidades de trabalho que, segundo vários analistas, tende a sustentar-se na próxima década. O crescimento da população juvenil ocorrido na década anterior (fenômeno que começa a inverter-se) tende a ser absorvido por um mercado de trabalho em expansão. Logo, a perspectiva de conseguir emprego não chega a representar uma dificuldade aos jovens que ingressam agora no mercado. O desafio que surge neste momento é de outra ordem.

TRABALHO E IDEALIZAÇÃO

Hoje, o principal desafio para um jovem que entra no mercado de trabalho não é mais apenas obter um emprego que ofereça alguma autonomia financeira. O trabalho é também um lugar privilegiado a partir do qual cada sujeito busca, em seu meio, reconhecimento de sua capacidade produtiva, a fim de ser visto como sujeito de direitos no universo adulto e sair da posição de filho dependente. No imaginário juvenil, não basta ter um emprego, é preciso ter uma qualificação profissional, a partir da qual cada um se reconheça e seja reconhecido por seus pares em sua capacidade de trabalho e função social.

A conquista de uma profissão, pela importância que representa na vida dos jovens, mobiliza expectativas e conflitos. Há um recorrente impasse entre a busca de autonomia financeira e a realização pessoal e profissional. Pergunta-se o jovem: ganhar dinheiro ou ser feliz no que faz? Garantir o status social ou arriscar-se em atividades “alternativas”, nem sempre valorizadas no meio familiar? Buscar independência para tomar suas decisões de consumo e moradia, ou viver as turbulências de um caminho profissional incerto?

Nessas inquietações, há certa oscilação entre uma postura transformadora, na qual o jovem almeja realizar mudanças na realidade social, e uma postura que favorece a manutenção da realidade social, na medida em

que privilegia a busca de conquistas pessoais, que visam garantir e ampliar as posições socioeconômicas conquistadas no meio familiar. Tal polaridade se manifesta numa variedade de posturas, estilos ou preferências políticas entre tantos jovens, membros das distintas tribos que compõem a heterogeneidade de cada geração juvenil. No entanto, apesar das diferenças, há um traço recorrente entre os jovens de hoje, quando se trata da escolha de uma carreira e de seu percurso de formação. Nota-se, frequentemente, a idealização de uma imagem de si e de uma história ou carreira a ser construída. Seja no caminho alternativo, como agente transformador (na figura do herói), ou como um profissional de sucesso, ambos os projetos convergem para a realização do indivíduo como ser único e autodeterminado, capaz de definir seu próprio destino.

TRABALHO E ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Apesar de a cultura brasileira ser de tradição relacional, que prioriza as relações de parentesco e redes de influências, e relações de reciprocidade em seus dispositivos de organização social, o contexto urbano e a estrutura de produção e consumo globalizada têm fortalecido um modo de organização distinto, no qual cada um se torna um fim em si mesmo. Atomizado numa cultura de massa, cada indivíduo tende a tomar a si próprio como referência primordial de seu universo simbólico, tanto como causa de sua ação quanto como finalidade última de sua existência. Nesse ponto, os jovens são representantes privilegiados de nossa cultura, pois manifestam com maior clareza um traço que permeia diversas sociedades da cena contemporânea.

Em uma cultura midiática, em que o mundo virtual ganha amplitude e relevo, o imaginário adquire status de realidade,

São cada vez maiores os desafios para lidar com as angústias e conflitos interiores que acompanham a entrada de um jovem no mercado de trabalho

fazendo com que fantasias e angústias se potencializem tanto na sedução quanto na vertigem que produzem. Tal contexto dá margem a idealizações e dificulta a cada sujeito fazer o exercício do que Freud chama de teste de realidade, no qual a diferença entre os anseios pessoais e a realidade é tomada como fonte de aprendizado e desenvolvimento da capacidade de mediação entre ambos. Esse árduo e incessante exercício, no entanto, exige o confronto com a ferida narcísica de cada um, com a angústia de não corresponder exatamente a seu próprio ideal, sendo necessário, consequentemente, um esforço para a transformação, um esforço para constatar a lacuna entre o ideal e o real, e para buscar meios para aproximá-los, indefinidamente.

DIZE-ME O QUE CONSUMES

Na medida em que se vive numa cultura em que a imagem de plenitude é defendida e propagandeada, a dificuldade de suportar quaisquer imperfeições em si mesmo ou em sua realidade é ainda maior. O exercício do consumo, em contrapartida, mostra-se muitas vezes como negação das insuficiências de cada sujeito, que se vê seduzido pela possibilidade de evitar tais dissabores e de realizar suas fantasias de plenitude. O produto consumido, por sua vez, opera como um objeto fetiche, ao permitir a negação das angústias e insatisfações que acompanham cada sujeito em sua experiência cotidiana. A posse de cada novo produto serve, assim, como prova de realização pessoal, comprovação do sta-

tus social do sujeito consumidor, versão oficial do indivíduo a ser cultuado.

Uma propaganda de telefonia celular veiculada recentemente é expressão desse mecanismo, e permite compreender algo sobre a cultura atual e, em particular, sobre o jovem e sua inserção no mercado de trabalho. O slogan anuncia: “Conectado, você pode mais!” Ao indicar as possibilidades do consumo e seus benefícios, fica anunciada a ameaça que subsiste para aquele que resiste a seu exercício: quem participa do sistema, faz uso de sua potência; quem está de fora, sofre de insuficiência. A ideia de estar dentro ou fora (do jogo de forças vigente, do ciclo de produção e de consumo e de seu ideário) torna-se uma máxima que se impõe como diretriz hegemônica, que não há como evitar.

A idealização, no entanto, deixa marcas. Apesar das tentativas de negação, a angústia não deixa de estar presente para tantos jovens que vivem seus conflitos de modo dissimulado ou deslocado: pânico, vertigem, somatização, insônia surgem como sinais de que algo não funciona. Trata-se da ameaça de ser descartado e ficar de fora do sistema, que surge como pesadelo para tantos jovens em seu anseio por reconhecimento e inclusão.

GESTÃO

Nesse contexto, o desafio é particularmente grande para aqueles jovens que se tornam gestores. A carreira de gestora nada mais é do que o fruto de uma demanda social por agentes capazes de fazer a mediação entre recursos materiais

e simbólicos, e entre pessoas e suas instituições, segundo os interesses vigentes em organizações e no poder público. Mas qual a condição para realizar esse tenso exercício de mediação, quando o sujeito que se encontra nessa função está premido por expectativas idealizadas ou ameaças narcísicas? A mediação de interesses socialmente estabelecidos é, em última instância, um exercício infinito, que resulta numa tarefa sempre incompleta. Nesse sentido, a carreira de gestor exige de seu agente o desprendimento de confrontar-se com as limitações de seu exercício, num contexto cultural que oferece poucas condições para tal ponderação.

Ademais, especialmente no meio organizacional, o ideal de desempenho e eficiência tornou-se referência também para a vida pessoal. A construção de uma história de vida transforma-se em um projeto de gestão de carreira, como se aí também fosse possível prever e controlar o próprio desempenho de conduta e as metas a serem alcançadas, e como se as relações pessoais e os conflitos subjetivos não fossem pautados por tensões que escapam a essa lógica.

Enfim, a juventude, em sua diversidade, não está diante apenas de um cenário economicamente promissor. Está também diante de crescentes desafios sociais e culturais. Em um universo globalizado, midiático e virtual, as boas perspectivas econômicas, se de um lado são um fator positivo, de outro não anulam as turbulências subjetivas que acompanham cada ser humano em sua experiência de vida singular. ■